

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMENARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

ANNO 2.^o Assignaturas Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs. Administração Livraria Valle, Campo de S. José, Barcellos, para onde toda a correspondencia deve ser dirigida franco de porte. DOMINGO, 29 DE MARÇO DE 1891. Publicações Anuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal 40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 %^o. Anunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um exemplar. NUMERO 56

SABBADO, 28

Aplanaram-se por um pouco as grandes difficuldades, que embarçavam o gyro das nossas finanças.

Dasanviou-se o horizonte medonho, que annunciava uma tempestade formidavel. A barca da governação fazendeira vae seguindo sua derrota, senão a velas cheias, pelo menos, a meio panno. Durará muito tempo este mar bonançoso? Deos queira que sim.

O certo é porém, que o paiz ainda não se apresenta completamente restabelecido da gravidade dos seus ultimos soffrimentos; se a fazenda acalmou por um pouco o seu mal estar, não estão em via de completo restabelecimento os negocios estrangeiros nem mesmo os negocios de politica interna.

Os partidos, que ultimamente se tem succedido no poder, parece que se não sentem bem, e, ou no intuito de não queirem assumir responsabilidades, ou mesmo para que não tenham que responder por ellas, levam caminho de desaparecerem, contentando-se os seus homens dirigentes de lhes preparar uma inscripção para a jazida d'elles nas paginas da historia.

Apointam-se os nomes dos estadistas mais distinctos do paiz, que se querem retirar da politica, o que para nós significa apenas o advento de uma remodelação nos partidos.

Pois que? Luciano de Castro, Serpa Pimentel, Barros Gomes, Hintze Ribeiro, Mariano de Carvalho, e outros vultos politicos d'este perfil, que se apontam como dando a sua reforma e passando á inactividade politica, já deixaram crendos homens, que possam substituil-os na volação dos partidos? Póde crêr-se que estes estadistas distinctissimos abandonem por completo a nossa politica?

Não o cremos.

Affigura-se nos que será certa uma remodelação nos partidos afim de que se possa entrar de sassombradamente n'uma vida nova.

A ideia d'uma vida nova domina a todos, depois que todos se acham n'um meio impossivel de continuar a viver. Que o stato quo, em que nos temos achado, não póde continuar, e que é percizo, é urgente que se forme, é isso, cremol-o bem, a ais instante reclamação do paiz.

Mas a vida nova, que é urgente iniciar-se, deve de consistir em reformar esta nossa tardura, senão lassidão de cos-em que se deixafazer a aquillo que quer, sem

respeito pelas leis, sem consideração pelo direito, sem attenção á auctoridade e sem temor pela consciencia, por que essa, hoje em dia, é uma palavra vã, que não tem senão uma significação ephemera, que não serve senão para adorno do parlamentarismo.

A politica baixa, que é precisamente a que tem corrompido e gafado a alta politica, faz esquecer todos os deveres do bom cidadão, subjuga muitas vezes uma consciencia pura, e atrai com um caracter impoluto, com a lei, com o dever e o direito á baixa d'um logar sujo.

A vida nova deve vir de cima para baixo, é isso verdade, mas aquelles que estão em baixo devem de compenetrar-se tambem do inelclinavel dever que o momento actual nos impoem.

Observe-se a lei e acate-se o principio da auctoridade, não se diga isto sómente, é preciso que se faça.

A imprensa pelos seus desmandos, tem contribuido assaz para um certo relaxamento nos costumes e seduzido muitos espiritos novos alguns dos quaes lamentam-se n'estes dias, que passam, como o paiz bem pensante lhes lamenta tambem a dura sorte que os segue. Pois cumpramos todos com os nossos deveres de cidadãos e de portuguezes; demos um pouco de treguas ás exigencias da politica de campenario; ensinemo-la a ser paciente e a renunciar por um pouco ás suas soffreguidões para que a alta politica aprenda de nós o melhor caminho, que deve seguir.

SCIENCIAS E LETTRAS

ADORAÇÃO

(FRAGMENTO)

*Eu não tenho amor simplesmente. A paixão
Em mim não é amor, filha, é adoração!
Nem se falla em voz baixa á imagem que se adora.
Quando da minha noite eu te contemplo, aurora,
B, estrella da manhã, um beijo teu perpassa
Em meus labios, oh! quando essa infinita graça
Do teu piedoso olhar me inunda, n'esse instante
Eu sinto,—virgem loira, ineffavel, radiante,
Envolta n'um clarão balsamico da tua,
A minha alma ajoelhar, tremula, aos pés da tua!
Adore-te!... Não és só graciosa, és bondosa:
Além de bella és santa; além de estrella és rosa.
Bemdito seja o Deus, bemdita a Providencia
Que deu o lirio ao monte e á tua alma a innocencia,
O Deus que te creou, anjo para eu te amar,
E fez do mesmo azul o céu e o teu amor!*

GUERRA JUNQUEIRO.

A JUVENTUDE

IDILIO

*Pois a abelha na flôr, extrae o mel, volteia,
Solicita e feliz, em torno da colmeia.
Sobre a doirada prôle, amante e mãe, espera
A toutinegra o novo. É plena primavera.
O sol a faiscar bate o caudal de prata
Que do açude do couteiro ao valle se desata.
Todo o prado é relvão, e no pomar sombrio,
O fructo a intumecer, lembra o calmoso estio.
Perde o aspecto minaz o toiro sobranceiro.
Doitado no hervagal, manso como um cordeiro.
O novillo brincão lá vae—campina fóra—
Em procura da mãe que o reclamou agora.
Cinta ao longe, na costa o mar de bom humor,
E alegre tambem canta o insecto zumbidor.*

*Concerto universal, do amor e da virtude.
Eterna primavera —és tu, ó juventude!*

BULHÃO PATO.

EDUCAÇÃO EM TODAS AS IDADES

De ordinario confundimos estas duas palavras—educação—instrucção; mas cada uma tem sua accepção diversa. A educação é mais ampla que a instrucção, porque abrange todos os meios de desenvolver e cultivar todas as faculdades do homem, segundo os fins para que as recebemos da natureza; a instrucção porém é um desses meios, destina-se a exercitar só uma especie dessas faculdades, isto é as intellectuaes. Ainda que vulgarmente chamamos educação ao desenvolvimento das faculdades moraes, é mui lato o sentido desta palavra, porque o homem tem qualidades e necessidades phisicas e intellectuaes que todas precisam de cultura e conveniente exercicio.

Mas não sabemos porque razão, ou se falle da educação ou simplesmente da instrucção, o pensamento encaminha-se logo para a mocidade, como se esta idade fosse a unica susceptivel de exercitar as suas faculdes, de adquirir conhecimentos uteis e bons habitos, e de fazer quotidianos progressos. Este erro é grande, apesar de ser geral; porque qualquer que seja a idade do homem cumpre-lhe instruir-se e aperfeiçoar-se sempre: até o ultimo dia da vida tem esta obrigação, e não lhe faltam os meios de a preencher, se a vontade lhe for efficaz. A natureza patenteou ao homem uma immensidade d'estudos e de deveres: no lar domestico o ligam muitos sentimentos e obrigações, muitas penas e prazeres; é membro d'uma familia a quem deve beneficios, e que ha de retribuir com seus serviços. No estado politico é membro de outra familia muito maior e se as suas afeições para com esta são menos intimas não devem ser menos generosas: quão longa é a serie de encargos que a nacionalidade lhe impõe! Tem de alargar-se tambem fóra dos limites do seu paiz; o genero-humano é credor dos seus desvelos. E além d'isto o seu destino immortal o prende com vinculos de admiração e respeito ao immenso Creador da Natureza: eis mais deveres, e mais profundos estudos para os desempenhar!

Se hem considerarmos, nunca falta occasião de tomar uma lição, de cumprir um dever. O espectáculo tão magnifico da natureza nos está de continuo convidando, e apresenta-nos milhares de variados objectos para exercicio de profunda meditação. Não sabemos porque fatalidade o estudo das sciencias phisicas ou naturaes merece no geral tão pouca attenção aos nossos portuguezes; parece que frivolos contos os deleitam, e que as verdades dos phenomenos naturaes, mui-to mais maravilhosos, os enfastiam: não pensam que de tão ameno estudo resulta elevar-se o espirito ao Poder Omnipotente pela consideração das suas obras, e adquirem-se conhecimentos praticos, uteis em immensas circumstancias da vida; e que se lucra o perder superstições e crencas erroneas, e o ganhar noticias exactas dos objectos com que habitualmente lidamos.

Por outro lado, os diversos successos da vida, os prazeres e penas de cada dia nos preparam e engrandecem o espirito, ao mesmo

tempo que melhoram e fortalecem o coração. Toda a nossa existencia, como a fé e a razão ensinam, é um aperfeiçoamento continuado, um progresso que nem a morte suspende, porque a alma vò á condição mais feliz na instancia immortal, se o homem foi justo e benefico na terra. A razão nos aponta este destino jucundo, e a religião, conjunctamente com a moral que é a filha sua, no-lo confirma e assegura. As leis politicas concorrem tambem, posto que indirectamente, para o mesmo fim; porque regulam as mutuas relações dos homens da vida ordinaria ou civil, e prestam grande apoio ás leis da religião e da razão. Nos estados bem organizados, as leis civis vão sempre d'acordo com as leis moraes. Além d'isto as leis politicas asseguram a ordem e tranquillidade publica, e protegendo as propriedades e direitos de todos, permitem que applique cada cidadão aos trabalhos os estudos adequados aos seus interesses.

Seguindo estas leis conforme as luzes naturaes, que Deus nos deu, e com a liberdade necessaria que nos deixou, devemos aperfeiçoar, quanto é possivel no mundo, as immortaes faculdades que nos foram confiadas, e completarmos a educação com a mira na vida futura. Seja qual for a classe da sociedade, em que nos achemos, temos sempre occasiões e obrigação de cuidar em nossa instrucção e melhoramento; o levador é tão immortal como o monarcha, e se os seus destinos sociaes differem, os seus destinos moraes são identicos. Verdade é que nem todos os homens possuem talento no mesmo grau, e que os favores da fortuna são desigualmente repartidos; por isso nem todos tem os mesmos motivos para estudar profundamente as leis da religião e do estado, da moral ou da razão; mas o Omnipotente, que nos creou para as observar, deu a todos, a fim de comprehenderem a sabedoria e utilidade dessas leis, sufficiente intelligencia e senso commum: não sepultemos portanto dotes tão formosos n'um lethargo equivalente á brutalidade: todos devem aperfeiçoar-se segundo os seus meios e necessidades. A razão e a consciencia são de todas as condições, e as virtudes nunca foram privilegio d'uma classe da sociedade. As classes inferiores offerecem-se menos meios d'instrucção, mas esta circumstancia deve ser uma razão fortissima para não desperdiçarem os que poderem aproveitar. A observação pratica da natureza, a observação attenta de nós mesmos, isto é, o exame de nossas inclinações, pensamentos, opiniões e acções, são mananciaes fecundos de preciosa sabedoria. Todo o que desejar o aperfeiçoamento da razão e de seu coração, buscará a conversação dos homens de juizo e experientes, e colherá proveito da lição dos bons livros (1).

O meio mais directo de completar a propria educação é trabalhar na educação alheia. Conheçemo-nos pouco, porque nos observamos mal; as outras pessoas,

(1) As pessoas, dadas a serias leituras recomendamos o tractado de Mr. de Gerando, «du perfectionnement moral», 2 vol. 8.^o, e a obra de Mad. Necker de Saussure, «de l'education progressive», 3 vol. 8.^o; nestes escriptos se encontrarão ampla e magistralmente desenvolvidas as ideias que expozemos.

principalmente as crianças, são, por assim dizer, um espelho onde contemplamos a nossa imagem. Não ha cousa que mais contribua para que nos estudemos, instruímos, e emendemos dos maos habitos, como o observar outros individuos e meditar nos cuidados que applicamos á sua educação. Desta verdade deduz-se um dever geral, commum aos pais de familia de todas as condições sociais; que é a obrigação de educar os filhos, ou as crianças commettidas á nossa guarda e direção. Se este augusto ministerio é desempenhado com zelo e consciencia, preceptor e educando simultaneamente se aperfeçoam; o que ao mesmo tempo prova que melhor comprehende os seus interesses quem melhor cumpre os seus deveres; o é esta ordem imposta ao mundo moral uma das mais claras demonstrações da Providencia.

Debalde porém inculcaremos consagrar desvelos á educação da mocidade, se desprezarmos a propria: é hypocrisia, que não illude, e que não dá bom fructo. Inutil será dar instrucção moral ás crianças, se o exemplo as ha-de corromper depois, se as noções que aprendem não alcançarem o futuro desenvolvimento que demandam, segundo o estado especial de cada um. A educação d'um povo deve corresponder sempre á da sociedade (2). A educação bosquejies nas aulas, mas só no decurso de vida se completa.

(2) Consulte-se a obra de Mr. Matter, Inspector geral dos estudos em França, intitulada: «de l'influence des moeurs sur les lois».

/Do Panorama/

QUEM MENTE?

(continuado do n.º antecedente)

Voltemos ainda ao sr. Augusto Vieira, a quem já offercemos as columnas d'este jornal, para que publique a sua carta ao sr. Figueiredo e a resposta que recebeu d'este. Perguntamos:—

Como e quando foi que o sr. Figueiredo aconselhou o sr. Vieira a propor-se?

Aconselhou-o quando desejava a suppressão do lugar?

Aconselhou-o depois que resolveu rasgar a sua proposta e votar no pombo?

Agora a carta do sr. visconde da Ermida.

O sr. Figueiredo, rasgando a sua proposta e rotando no sr. das tonas, já fazia mais do que outros faziam em seu lugar.

Para ir mais longe, como era indispensavel, e sem isso o pombo em caso algum seria hoje amanuense da camara, para entrar na lucta aberta e francamente, como entrou, cenvinha collocar-se de modo a evitar as iras d'alguns chefes do partido, e ter a benovelencia de quem desejava a suppressão do lugar.

Para isto, combinou-se a vinda da carta do sr. visconde da Ermida, que não foi o primeiro cavalheiro lembrado na occasião.

Mas, francamente, essa combinação era um segredo, que aproveitava ao pombo, e só quem tiver sido educado em taberna é capaz de violar um segredo alheio, violação que representa uma indignidade inqualificavel.

Os nossos leitores hão de dizer:—zangaram-se as comadres descobrem-se as verdades.

Assim é,—mas não fomos

nós que trouxemos ao publico essa questão.

Pedi-se uma carta como se combinou.

Esse segredo foi violado.

E por quem o foi?

A proposito d'aquella carta perguntamos nós:—

Por que é que a *Gazeta*, sempre ou quasi sempre que falla acerca do sr. Figueiredo, faz referencia aos accionistas do Banco de Barcellos?

Sente que o sr. Figueiredo tenha por esses accionistas os respetos que lhe merecem?

Pensará a *Gazeta* que faz mal com isso ao sr. Figueiredo?

D'esses é que é o reino do Ceo...

O proprietario da *Gazeta* não cessa de fazer elogios ao sr. Figueiredo, e todavia os dois só fallam quando precisam fallar, quando é forçoso isso, porque são inimigos.

Vê-se por isto que o sr. Figueiredo a ninguem faz injustiças.

Sabemos ainda que muitos regeneradores, quando lhes pedem para os recommendar aos gerentes do Banco, escrevem ao sr. Figueiredo.—e cremos que são attendidos, sempre que o podem ser, quando garantem o que pretendem.

Aquelles cavalheiros podiam escrever a qualquer outro gerente, e de preferencia ao sr. Faria Machado.

Se o não fazem, é porque tem a certeza, que tambem nós temos, de que no Banco ninguem faz injustiças, *nem politica*, apesar da *Gazeta* dizer isso n'um momento de desespero, nas vespas da eleição da camara,—e disse-o por o sr. Figueiredo trabalhar contra a gente da *Gazeta*.

Outro tanto não disse ao mesmo sr. com relação á eleição de deputado, em que elle nem o seu voto deu, por virtude de sentimento pessoal com o candidato, sentimento que nasceu, como os nossos leitores já sabem, na questão do *pombo-correio*.

Comprehendemos a *Gazeta*.

Quando um homem, por qualquer motivo, não trabalha nem vota contra ella—é homem de bem, procede correctamente, é digno.

(Serão estas as palavras proferidas na ausencia e na presença do sr. Figueiredo pelo sr. dr. Novaes e pelo proprietario da *Gazeta*?)

Quando, porém, trabalha contra ella—é tudo quanto ha de mau...

Ficamos scientes.

Na *Gazeta* escreverá algum *homem de letras*?

Havemos de collocar á porta do Banco a nossa policia, e depois dizemos o que elle nos revelar, se porventura não for segredo, pois que da vida intima das familias jámais fallaremos.

Isso só o faz... quem é capaz de o fazer.

Não iremos sequer indagar o que se passa no *Estimarei*...

Os homens da taberna e do lupanar, peiores que as regateiras, podem dizer tudo.

D'essa atmosphera pestilenta fugiremos sempre.

A *Gazeta* inventou uma razão para justificar o pedido da carta do sr. visconde da Ermida, e attribuiu ao sr. dr. José Novaes algumas palavras que s. ex.ª não disse ao sr. Figueiredo.

Só um homem malcreado, indecente, dizia:—quem occupa um lugar publico, precisa ser firme nas suas resoluções e não tomar compromissos com todos, para não se collocar em posição pouco interjavel, e ter por fim que ficar mal com elles.

Quem mente?

Se não é a *Gazeta*, o sr. dr. José Novaes que lh'agradeça a carta, que lhe passou, de malcreado. Semelhantes palavras não as disse o sr. dr. Novaes, repetimos.

N'esse tempo o sr. dr. Novaes até se dava muito com o sr. Figueiredo, chegando a offercer-lhe os seus 4 votos para dar cheque no sr. dr. Barroso, depois da sessão de 1 d'outubro de 1887. Esse offercimento foi feito e recusado na conservatoria.

N'aquella sessão o sr. dr. Novaes mostrou-se indignado por ter sido demolido um cunhal das ruínas das Torres, apesar de ter dito pouco tempo antes da posse da camara progressista—que não o tinha mandado apear, porque metade da villa gostava e outra metade não gostava e que por tanto não s'importava com isso.

Disse ainda—que não ficava a seu gosto a obra das Torres (mandada arrematar por s. ex.ª) por que lhe parecia obra de brasileiro.

Vem a proposito dizer como e quando foi demolido aquelle cunhal.

O sr. Figueiredo exigia ao arrematante José Antonio de Linhares e a seu fiador Manoel Augusto de Miranda o cumprimento do contracto.

Aquelle respondia sempre—que não entendia a planta, e ainda—que não podia continuar com o muro de suporte, porque o cunhal das ruínas cahiria sobre os artistas.

O sr. Figueiredo lembrou-se das palavras do sr. dr. Novaes—que *metade da villa gostava* etc.

Em vista da resposta do arrematante, o sr. Figueiredo esperou a reunião plenaria da camara para submeter este ponto á sua apreciação.

(Continúa)

DIA A DIA

Fazem annos:

Hoje a exm.ª sr.ª D. Josephina Candida Furtado d'Antas.

Amanhã a exm.ª sr.ª D. Virginia Ramos de Castro.

Dia 2 o sr. Julio Vallongo.

Dia 3 os srs. Ricardo Furtado d'Antas e Joaquim Martins de Faria.

Dia 4 o sr. dr. Manoel Paes de Villas Boas.

Estão n'esta villa os srs. Julio Candido Furtado d'Antas, Arnaldo d'Antas, Antonio Albino Marques d'Azevedo e Domingos Esteves.

Estiveram em Barcellos os srs. Domingos José de Faria e exm.ª

familia, de Vianna e Freitas Morna, de Coimbra.

Estão encommodados os srs. Antonio José d'Azevedo e Joaquim Affonso Pereira.

PELA SEMANA

EXPEDIENTE

Por absoluta falta de espaço não damos hoje publicidade a alguns originaes que temos em nosso poder.

Commandante do 2.º batalhão de infantaria 20

—Por ordem superior partiu na passada 5.ª feira para Guimarães o exm.º sr. Antonio José Teixeira de Vasconcellos, major de infantaria 20 e commandante do 2.º batalhão que esteve aqui estacionado.

Deixou s. ex.ª a mais viva saudade n'esta terra, onde conquistou profunda sympathia e amizade.

A' retirada de s. ex.ª foi á gare avultado numero de pessoas despedir-se do digno e brioso militar, manifestando a maior parte verdadeira commoção.

S. ex.ª estava commovidissimo.

Por falta de espaço não damos os nomes das pessoas que ali compareceram, podendo asseverar que eram em numero superior a 50.

Oxalá que em breve tenhamos o praser de lá voltar para novamente o podermos abraçar.

Dionisio Ferreira dos Santos Silva.—Foi tambem accusado do crime de rebelião o distincto industrial portuense cujo nome nos serve d'epigraphe.

O conselho de guerra absolveu-o por unanimidade, e isso basta para termos a certeza de que estava innocente.

D'aqui lh'enviamos os nossos sinceros parabens.

Alguns dos nossos leitores conhecem o sr. Dionisio Ferreira, e já o ouviram n'uma reunião da *Associação Humanitaria de Soccorros Barcellinense*.

Ultimamente, quando já estava preso, foi-lhe attribuida uma falta, aliás greve, na *Companhia União Popular Penhorista*, de que o sr. Dionisio Ferreira tem sido um dos mais distinctos directores.

Fazemos ardentes votos para que prove tambem ali a sua innocencia, e cremos isso, porque conhecemos o sr. Dionisio e suppono-lo incapaz de qualquer falta.

Beneficencia regia.—S. M. El-rei mandou dar 30 libras, a Antonio da Costa, de S. Martinho, do Porto, que n'um naufragio perdeu o seu barco de pesca.

Bom dividendo.—A Companhia de Credito Predial teve no anno findo um saldo de 191 contos, distribuindo aos seus accionistas 12 %.

Pares do reino.—O conselho de estado resolveu que as duas vagas de pares do reino fossem preenchidas pelos srs. ministros do reino, conselheiro Antonio Candido Ribeiro da Costa, e ministro da justiça conselheiro Antonio Emilio de Sá Brandão.

Offerta de charutos.—O Centro executivo patriótico do Rio de Janeiro enviou á Sociedade de geografia, para o corpo expedicionario de Moçambique, cincoenta mil charutos e mais cem caixas de charutos especiaes, sendo estes para os officiaes da expedição.

Benção papal.—O revd.º arcebispo primaz solicitou de Roma para os membros do congresso catholico, que se realisa em Braga de 6 a 10 do proximo abril a benção de S. S. Leão 13.º.

Regedores de parochia.—Foi exonerado, a seu pedido do cargo de regedor d'esta parochia o sr. Carlos Rocha, sendo substituido pelo sr. Severino Manoel de Souza, regedor effectivo e para

substituto foi nomeado o sr. Domingos Vinagre.

João Pinheiro Chagas.

—Foi recebida com a maior repugnancia, por toda a gente, a noticia da exaggerada pena em que condemnado o sr. João Chagas, que estava preso quando se deu a rebelião em 31 de janeiro.

Que podia fazer um homem preso?

As provas contra elle reduseram-se a isto:—ter boas relações com alguns officiaes do exercito.

O conselho de guerra pensaria nos escriptos d'aquelle notavel jornalista?

Não podia, porque não era d'esse crime que o accusaram, nem isso constaria do processo,—e, se fôsse permitido ao conselho elevar-lhe, por esse facto, a pena a 4 annos de prisão maior celular, como é que condemnou o sr. Eduardo Alfredo de Souza, que n'aquella occasião foi o mais violento de todos os jornalistas, a 2 annos apenas de prisão correccional.

Responda a esta pergunta a opinião publica.

Santo Antonio.—Devo já hover em Lisboa uma reunião para se resolver sobre a celebração do centenário de Santo Antonio.

Reunião.—Na quarta-feira 25 do corrente mez, reuniram-se os srs. commerciantes, d'esta praça, sob a presidencia do sr. Manoel José Ferreira Ramos, servindo de secretarios os srs. Domingos de Figueiredo e Manoel Antonio Esteves.

Exposto, pelo sr. presidente, o fim da reunião, fallaram n'ella os srs. conselheiro José Novaes, deputado,—dr. José Ramos, administrador do concelho,—Manoel da Graça, jornalista,—Domingos de Figueiredo, Manoel Antonio Esteves e Fernando de Figueiredo, negociantes.

O sr. conselheiro José Novaes propoz—que se dirigisse a el-rei um telegramma ou uma representação, pedindo para que continue aqui o 2.º batalhão d'infanteria n.º 20, que tem permanecido n'esta villa desde 11 de fevereiro de 1887.

O sr. Domingos de Figueiredo propoz—que fosse uma e outra cousa, telegramma e representação,—e que, se não d'esse resultado, se reunissem de novo, os srs. commerciantes, e nomeassem uma commissão para ir a Lisboa pedir a el-rei pessoalmente.

Estas propostas foram approvadas por unanimidade, e egualmente o foi a do sr. Fernando de Figueiredo—para que ficasse a mesa encarregada de dirigir o telegramma e a representação.

O telegramma dirigido a S. M.

foi concebido nos seguintes termos:—

«A Sua Magestade El-Rei—

Lisboa

A classe commercial de Barcellos reunida na sua totalidade tem a honra de vir com o maior respeito rogar de Vossa Magestade se digne ordenar a permanencia do 2.º batalhão de infantaria 20 n'esta villa. Deliberoi ainda a mesma classe commercial testemunhar a Vossa Magestade os seus sentimentos de fidelidade á augusta pessoa de Vossa Magestade e ás instituições, e é em nome da sua adhesão ao throno que faz a Vossa Magestade este pedido por de forma alguma se poder suspeitar da lealdade do 2.º batalhão do 20.

A resposta do telegramma enviado a Sua Magestade, foi a seguinte:

Presidente Associação Commercial—Barcellos.

S. M. El-Rei tendo na devida consideração as informações e protestos de lealdade transmitidos por V. Ex.ª, ordena-me que communique V. Ex.ª que o seu telegramma acaba de ser enviado pelo mesmo Augusto Senhor ao Presidente do concelho para elle providenciar como for mais justo.

Camarista da sem

Tres furias?...—O nosso digno collega da «Folha da Manhã» relata o caso de Ginzo da seguinte forma:

«Não vamos fallar das tres furias que os poetas fabularam—das filhas da noite. Diras no Céu; Euménides no Inferno e Furias na terra! mas vamos referir-nos a tres mulheres de Ginzo, d'este concelho, que, por uma questão de partilha d'água, máu grado seu o regedor d'aquella freguezia viu-se forçado a prendel-as e a conduzi-las presas, manietadas, em um carro, a esta villa, e apresental-as á auctoridade administrativa.

A principio, pareceu n'esta villa, que o procedimento do regedor havia sido deshumano; mas em breve se fez luz: soube-se que as «tres furias»— tres irmãs, não obstante a sua avançada idade e os desgostos que já haviam soffrido e causado, eram tidas e havidas na sua freguezia como uzeiras e vazzeiras em taes «gentilezas», que, por agora, ficam registadas em dirigir doestos ao regedor e contundirem—«á dentada»—o nariz de um cabo de policia, encarregado da sua prisão.

Não obstante, como, em face da lei, não podiam ser retidas, foram mandadas por em liberdade.

Modificariam «as tres furias» o seu genio? Duvidamos.

Em todo o caso, o processo crime corre contra ellas os seus devidos termos, e oxalá que lhes aproveite, duvidamos, porém, por que o que o «berço dá a tumba o tira».

Aferidor municipal.— Por ordem superior foi suspensa a deliberação da commissão municipal d'este concelho, em que nomeou para aferidor interino o sr. José Duarte de Souza.

Solrões.— Houve hontem uma e repetir-se-ha amanhã na casa do sr. Salter de Mendonça.

Consta-nos ter estado a d'hontem muito animada.

Collegio João de Deus.— Chamamos a attenção de nossos leitores para o annuncio que na competente secção vai com titulo igual ao d'esta local.

Da utilidade d'este estabelecimento julgamos ser desnecessario o falar, visto que ninguem ha ahi que não reconheça a necessidade d'uma casa em taes condições em Barcellos.

Muita prosperidade e que o favor do publico corresponda aos

exforços de seu fundador é o nosso maior desejo.

Semana Santa.—Correram na forma dos annos anteriores as solemnidades da Semana Santa, destacando-se notavelmente os dous sermões proferidos pelo revd.º parochico d'Athei.

S. ex.ª foi escutado com a maxima attenção por numerosissimo e muito escolhido auditorio, deixando em todos as meliores e mais agradaveis impressões.

Dous bellos trechos de aprimorada oratoria! Dous bellos pensamentos desdobrados em alevantado estylo! Dous bellos quadros esmaltados por frase cheia de calor e expressão!

A musica muito correcta.

Leiam os que soham com o Bazil e suas riquezas... Com a devida venia transcrevemos do nosso presado collega, *A Aurora do Cavado*:

«Um dos primeiros jornaes do Rio de Janeiro, o *Paiz*, publicou em um de seus n.ºs o seguinte, onde a maior parte dos que pretendem emigrar para o Brazil poderão ver, como n'um espelho, a sorte que ali os espera:

«Ali no largo do Paço, por traz da retanda em que se vê o panorama de Victor Meirelles, estão ha uma infinidade de dias, seis ou oito dezenas de inmigrantes, aos quaes, segundo parece, ainda não se deu abrigo nem auxilio de especie nenhuma, e que até agora tem vegetado por lá, unicamente, ao que se nos affirma, para mostrar que no Brazil ninguem morre de fome nem por não ter que comer.

Entre esses inmigrantes ha homens e mulheres enfermos, que ha longos dias esperam confidentemente os soccorros de que urgentemente carecem: há, entre esses desgraçados inmigrantes, mulheres e creanças, pallidas e escaveiradas, que já não sabem onde procurar as auctoridades de quem necessariamente vão receber os auxilios que lhes concede o governo. E tambem ha a respeito d'elles muitos outras coisas, que hontem apenas se nos figuraram e nós não traremos a publico sem que possamos ouvir alguém da inspectoría de immigração.

E a proposito diga-nos a inspectoría—por que razão esses inmigrantes não foram até agora alojados? porque motivo ainda não lhes deu trabalho nem destino, quando muitos d'elles já aqui estão

ha quasi dois mezes? porque é que elles continuam ahi no largo do Paço, expostos á vista e ás barbas de todos os estrangeiros que chegam?

Tres interrogações ahi ficam; todas ellas juntas, porém, não valem a metade da nossa admiração pelo que a respeito d'esses inmigrantes ouvimos.»

Sentenças dos conselhos de guerra.—Não damos o resultado dos julgamentos dos presos a bordo dos vasos de guerra, por entendermos os nossos leitores já scientes d'elles pela leitura dos jornaes diarios.

COMMUNICADOS

Sr. Redactor.

Convidado por v. no ultimo numero do «Comercio de Barcellos» a vir á imprensa dar explicação do que comigo se passou á cerca do lugar que na secretaria da camara municipal se achava vago pelo fallecimento do meu amigo Manoel Cibrão, venho fazel-o por dois motivos, qual d'elles mais importante, ainda que bastante contrariado, por que não desejava envolver-me em taes questões.

Faço-o todavia por dever de lealdade para corresponder ao offerecimento de v. e faço-o tambem por dever de dignidade, porque parecendo deprehender-se no mesmo artigo que ha menos cohesão no meu sentir partidario, esse facto, assim exposto, sem outros esclarecimentos, pode dar logar a erradas interpretações.

Quanto ao primeiro ponto—aquelle em que v. me convida a dar explicações—devo dizer:

- 1.º Que é certo o eu ter pretendido o logar.
- 2.º Que sollicitei do sr. Domingos Figueiredo, como vereador, o seu voto que me recusou por allegar compromisso anterior.
- 3.º Que a meu pedido, mas porque eu não tinha relações

personaes, me apresentou ao sr. dr. Barroso sem lhe fallar no objecto que eu tinha em vista.

4.º Que o sr. dr. Barroso tendo-me declarado tambem já estar comprometido, desisti por completo da minha pretensão.

E' isto tudo quanto se passou relativamente ao ponto em que v. reclama a minha cooperação.

Quanto ao segundo ponto que me traz aqui devo lembrar a v. que as minhas ideias politicas, são, desde a organização do partido republicano, n'esta villa, bem conhecidas.

Antes d'essa organização, ou antes da criação do Gremio Democratico Barcelense, de que fui socio installador não tinha politica.

Prestava todos os meus serviços—ao partido regenerador, por amizade pessoal com o exm.º dr. Faria Barbosa e dado o fallecimento d'este prestei igualmente os que pude, ou os que a occasião permitia, ao partido progressista a pedido e por igual amizade com o exm.º dr. Velloso. Ora, quando se deu a minha apresentação ao exm.º dr. Barroso já se achava installado o Gremio Democratico Barcelense. A que vem pois as palavras—que eu queria ficar bem collocado politicamente?

Esperando que v. me faça mais justiça, ou explique melhor o que traduzem aquellas palavras, subscrevo-me

De v. am.º e obg.º
Barcellos, 27 de março de 1891.

Antonio de Sousa Azevedo.

ANNUNCIOS

CHALE PERDIDO

Quem achasse um chale de casimira de côr verde e o queira

respondeu Jayme. Accite v. ex.ª a minha espada, e a minha demissão.

—Guarde a sua espada, tornou Kellermann que era excelente homem, de maneiras brutas, mas de juizo recto e de nobre espirito; a demissão aceitei-l'ha, porque não quero indisciplina no meu exercito. E saia immediatamente de Elvas, se não quer que o faça responder a um conselho de guerra. Dê-me o seu cavallo.

Jayme apeiou-se silenciosamente, e entregou o cavallo a Kellermann. Este montou com a maior rapidez, e, sem deixar que o joven official lhe dirigisse palavra, partiu a gallope.

—E' um nobre coração, disse Jayme entre si. Comprehende as minhas angustias e restitue-me a liberdade. E é que podia mandar-me fuzilar!

Pronunciando esta palavra, Jayme fez de subito um movimento.

—E aquella pobre gente da taberna! murmurou elle. Kellermann está furioso, e manda fuzilar pelo menos o cantor hespa-

restituir, apresente-se na officina onde se imprime este jornal— Campo de S. José—e ahi receberá alviçaras. (102)

LECCIONAÇÕES

O Padre Emilio Augusto da Esperança Machado e Antonio Maria Vieira Ramos, abriram no dia 4 do corrente fevereiro cursos de portuguez e francez.

A matricula está aberta no estabelecimento do sr. Manuel José Ferreira Ramos.

Horario—Portuguez, das 10 ás 11 1/2 da manhã; francez da 1 ás 2 1/2 da tarde.

SÓ NO BARROS

(85)

LOJA DO LEQUE

Para a estação presente, recebeu ultimamente este estabelecimento grandes novidades em merinos pretos lavrados a principiar em 400 reis o metro, sedas pretas lavradas, velludos, velludinhos, pellicias, fias de selim, applicações de serigaria, chapens de feltro, livros de missa, sevillanas, chales, casimiras com o avesso de feltro e muitos outros artigos de novidade.

CASA

Vende-se ou aluga-se uma de um andar, sita na rua do Terreiro, d'esta villa, tendo um bom quintal, que produz actualmente pipa e meia de vinho, boa horta e algumas arvores fructíferas.

Quem a pretender dirija-se a seu dono José de Lima Rodrigues, residente na mesma. (101)

—Fuego e sangre; dizia a voz:

Fuego y sangre, espanoles valientes, son los polos de la libertad; guerra, guerra al tirano y su gente, guerra, guerra briosos clamad.

E o côro, que se compunha de vozes portuguezas, respondia estropiando as palavras hespanholas, mas com uma energia profundissima:

A las armas, corred patriotas; á lidiar y morir ó vencer: guerra eterna al infame tirano, odio eterno al imperio francés.

—Olá, disse Kellerman com signo, temos ninhos de conspiradores. Vocês cantam, esperem que eu já os faço dançar.

E afastou-se rapidamente. Dirigiu-se á praça, mas ainda não tinha dado cem passos quando distinguu um official a cavallo, que tambem ia para Elvas.

—Sr. official, bradou elle. O official voltou a cabeça, e, conhecendo-o, aproximou-se.

—Metta a cavallo a galope, disse o general, reuna os primeiros vinte soldados que encontrar, cerque-me esta taberna, e que não escape um dos que

lá se acham. Fogo sobre quem quizer fugir, e sobretudo um guitarrista hespanhol que esta tocando hymnos sediciosos do seu paiz, que nos não escape. Quero-o morto ou vivo.

—Meu general, tornou o interpellado com voz supplicante, escolha v. ex.ª outro official. Eu sou portuguez; e custa-me conduzir á morte os meus proprios concidadãos.

—O quèl disse Kellermann reconhecendo-o, é o sr. Altavilla?

Era effectivamente Jayme, que tivera um dia de licença para ir visitar um parente de sua mãe residente a pouca distancia de Elvas, e que voltava para a praça.

—É o sr. Altavilla, repetiu Kellermann, que dá o exemplo da indisciplina o sr. Altavilla a quem o duque de Abrantes deu a sua espada de alferes!

—Que estou prompto a restituir-l'ha, exclamou Jayme altivamente.

—E' já! tornou Kellermann; ou obedecer ás minhas ordens, ou entregar-me a sua espada.

—A hesitação é impossivel.

FOLHETIM

M. PINHEIRO CHAGAS

OS GUERRILHEIROS DA MORTE VIII

Um outeiro em Evora
(CONTINUADO DO N.º 54)

Redobrou de vigilancia o general francez, e elle mesmo frequentes vezes rondava a cidade e as fortificações, envolto n'uma capa, e não tendo signal algum que o distinguisse de qualquer dos seus officiaes, ou de qualquer paizano, porque muitas vezes não ia de uniforme. Uma noite passava elle junto de uma taberna, situada extra-muros e fechada já, segundo as ordens rigorosas que elle dera, quando viu luz pelas fismas da porta, e ouviu d'entro rumores de vozes, e os frouxos arpejos de uma guitarra, tocada muito de manso. Kellermann applicou o ouvido, e distinguu uma voz hespanhola, que cantava ou antes murmurava um hymno. O general francez encostou-se á porta e ouviu as palavras.

(Continua.)

COLLEGIO JOÃO DE DEUS

DIRECTOR E PROPRIETARIO
MANOEL JOSÉ NUNES PEREIRA

DIRECTOR ESPIRITUAL
PADRE JOÃO FERNANDES

Admittem-se n'este Collegio alumnos internos, semi-externos e externos, habilitando-se para os cursos geral de sciencias e letras.

CORPO DOCENTE

Instrucção primaria e Francez <i>Manuel José Nunes Pereira</i>	Physica e chimica (1.ª parte) <i>Antonio Gonçalves da Cruz</i>
Portuguez (1.ª parte) <i>Placido E. Barbosa Lamella</i>	Mathematica (2.ª parte) <i>Dr. Gregorio P. C. da Fonseca</i>
Inglez <i>Dr. A Martins de Souza Lima</i>	Physica (2.ª parte) <i>Dr. A. Miguel d'Almeida Ferraz</i>
Geographia e litteratura <i>Manoel José Martins dos Santos</i>	Philosophia e latim <i>Silva Esteves</i>
Mathematica (1.ª parte) <i>A. Almeida Azevedo</i>	Desenho (curso nocturno) <i>João Christostomo</i>

PHARMACIA

DA SANTA E REAL CASA DA MISERICORDIA DE BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—Avelino Ayres Duarte
Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas, suspensorios, mamadeiras, thermometros. etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

DOMINGOS JOSE ALVES

Tem no seu estabelecimento em frente á praça de D. Pedro V. casa que foi de José Duarte de Souza, um sortimento completo em todos os artigos concernentes ao seu ramo de negocio—fazendas de lã, seda e algodão, e artigos de moda, que tudo vende por preços muito convidativos, havendo muitos artigos que se vendem com grande redução de preços, alguns até por menos do que o seu custo primitivo.

A notar:—riscados a 50,60 e 70 reis, que eram de 80, 90 e 100 reis. Setinetas a 120 reis o metro, que eram de 150 rs, 260 reis. Lenços de seda, desde 360 até 1\$000 e 1\$200 reis.

Meias para senhora e homem, a começar em 80 reis. Ditas para creança, a 50 reis o par. Zephyrs, desde 120 a 200 reis o metro, que eram de 160 e 300 reis. Casimiras, cheviots e picotilhos a principiar em 700 reis o metro. Lãs para vestido de senhora, enfiadas, a principiar em 180 reis o metro. Fichus de malha, para senhora e creança, a 300 reis. Carros de linha preta e branca, a começar em 10 reis. Pannos crus a principiar em 50 reis o metro. Morim branco, a 70 reis o metro. Muitos outros artigos difficil de enumerar se vendem tambem por preços modicissimos. (71)

CONTRA A TOSSA

O xarope peitoral calmante de Faria, de composição inteiramente vegetal, é o melhor remedio conhecido contra os padecimentos do peito e das vias respiratorias, sejam tosses rebeldes, asthmaticas e convulsas, bronchites agudas e chronicas, defluxos, escarros sanguineos, phthisicas incipientes etc.

Frascos 500 reis—Vende-se na pharmacia FAPIA O somam and

O COMMERCIO DE BARCELLOS, F. IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSE ALVES DO VALLE, CAMPO DE S. JOSE, — BARCELLOS e o seu editor Joaquim Maciel, de Roriz.

GRANDE DICIONARIO

DE

LAROUSSE

A MAIOR

E MAIS COMPLETA

ENCYCLOPEDIA

17 Volumes 4º encadernados

Um VOLUME POR MEZ LISBOA 6500 REIS (pago à entrega)

Um VOLUME POR MEZ PROVINCIA 6800 REIS (pagamento adiantado)

DIRIGIR OS PEDIDOS A

GUILLARD, AILLAUD & C^{IA}

242, rua Aurea, 1º — LISBOA

VIDA

DE

O. FREI BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

ARCEBISPO E SENHOR DE BRAGA PRIMAZ DAS HESPAÑHAS DA ORDEM DOS PRÉGADORES, ETC., ETC.

Obra reproduzida da magnifica edição de 1610 feita em Vianã do Castello á custa da mesma cidade. É repartida em seis livros com a solemnidade de sua trasladação por Frei Luiz de Cacegas e reformada em estylo, ordem e ampliada em muitos successos e particularidades por Frei Luiz de Souza, um dos classicos mais respeitaveis da lingua portugueza.

Esta edição, foi traduzida em francez em 1679, e em italiano em 1727, o que bem mostra o seu valor litterario

Os editores resolveram reimprimir a vida do venerando Arcebispo em optimas condições materiaes e conomicas afim de contribuir para a solemnisação do tricentenario da morte do virtuosissimo antistite da Igreja Bracarense. Esta edição será augmentada com a biographia de Frei Luiz de Souza feita por um distincto orador sagrado, desembargador da Relação Ecclesiastica de Braga.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

A obra comprehenderá os seus livros de que é composta, em tres volumes. o primeiro dos quaes se ja publicado por todo o mez de julho, o segundo em 30 de outubro, e o terceiro em 31 de dezembro do anno corrente.

O preço por assignatura é de 500 reis por cada volume pagos no actoda entrega, e avulso 600 reis. Para o Brazil custará 1:200 reis cada volume em moeda brasileira.

Assigna-se em todas as livrarias do reino.

Os senhores correspondentes terão a percentagem de 20 % e além d'isto, um exemplar gratis por cada 12 assignaturas.

Livraria escolar de Forte e C.ª—17 Rua Nova de 43, A—Braga.

O PROGRESSO CATHOLICO

Jornal illustrado, que se publica em Guimarães nos primeiros e terceiros sabbados de cada mez. O preço da assignatura (paga adiantadamente) é em Portugal 800 rs. por anno. Assigna-se na rua de Gil Vicente n.º 52, Guimarães.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Assignatura permanente e distribuição semanal de um ou mais fasciculos a 100 reis cada um. A obra completa, 5 volumes ou 70 fasciculos no formato da NOSSA SENHORA DE PARIS, impressão esmeradissima e illustrada com

1.º volume brochado.	1\$350	rs.	Encadernado.	2\$400
2.º »	1\$350	»	»	2\$200
3.º »	1\$250	»	»	2\$100
4.º »	1\$650	»	»	2\$500
5.º »	1\$450	»	»	2\$300

De resto a Casa editora, no que respeita aos preços dos fasciculos para as provincias e garantias de commissão a quem angariar cinco ou dez assignaturas, sustenta o que se acha annunciado com relação a Nossa Senhora de Paris.

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR GERVASIO LORATO

Romance de grande sensação, desenhos de Manoel de Macedo, reproduções phototypicas de Peixoto e Irmão.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Em Lisboa e Porto distribue-se semanalmente um fasciculo de 48 paginas, ou 40 com uma phototypia, custando cada fasciculo a modica quantia de 60 reis, pagos ao acta da entrega.

Para as provincias a expedição será feita quinzenalmente, com a maxima regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, CUSTANDO CADA FASCICULO 120 RS FRANCO DE PORTE.

Para fóra de Lisboa ou Porto não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas, vales de correio ou ordens de facil cobrança, e nunca em sellos forenses.

As pessoas que, para economisar portos do correio, enviarem de cada vez a importância de cinco ou mais fasciculos, receberão na volta do correio aviso de recepção ficando por este modo certas de que não houve extravio.

TITULOS DE ALGUNS CAPITULOS

Um fogo d'artificio no Palacio de Crystal—O crime do medico—Mortes mysteriosas—O cofre da morte—O doutor Epidemia—Os segredos da raiva—A amante phantastica—O mal da sciencia—rimes sobre crimes—O cumplice vencedor—A historia do crime—Gabriel e Lusbel—Um novo milagre de Santo Antonio—Como o diabo paga a quem o desanca—Rapto—A hospeda do quarto n.º 17—A policia ás aranhas—Um D. Juan de novo sexo—N.º Barredo—O sexto mandamento—Proesas dos mandamentarios—O assassino da viella do Pastelleiro—Como a mentira se caça a verdade—Os sermões do Martinho—Crime de estupro—Casar ou costa d'Africa—Um achado da Resa Bebada—O cadaver mutilado—Ciumes de preto—O braço de ferro—Um assassinio á margem do codigo—Uma tragedia por detraz do cemiterio do repouso, etc.

Toda a correspondencia relativa aos MYSTERIOS DO PORTO, deve ser dirigida franco de porte, ao gerente da Empresa Litteraria e Typographica, 178, rua de D. Pedro, 184=Porto.

Acceptam-se correspondentes, que deem boas referencias em todas as terras da provincia.